

CHACINA Soldado Marcos Emmanuel diz ter matado um dos meninos, inocenta 3 outros réus e acusa 3 novos policiais

Réu da Candelária confessa que matou



O soldado Marcos Vinícius Borges Emmanuel, que confessou no julgamento ter matado um menino

de 13 anos de idade

O soldado Marcos Vinícius Borges Emmanuel, 28, causou surpresa ontem ao confessar, durante o julgamento em São Paulo, sua participação na chacina da Candelária.

Emmanuel confessou o crime ao ser interrogado pelo juiz do 2º Tribunal do Júri, José Antônio Gerardo, no 11º andar do Ilice.

Emmanuel disse que estava em um dos dois quartos de sua morte próximo ao MAM (Museu de Arte Moderna), centro do Ilice, na madrugada de 23 de julho de 1993.

O PM negou, no entanto, que tenha alçado nas seis mortes ocorridas na mesma noite em frente à igreja da Candelária, no centro. Na dupla chacina, mais seis crianças ou jovens ficaram feridas.

O depoimento do acusado, que foi preso dois dias após a chacina e aceitou negar participação. Inocenta os outros três acusados nesta primeira fase: tenente PM Marcelo Pereira Cortes, soldado PM Claudio Leite dos Santos e o serralheiro Jurandir Gomes da França.

Os três, juntamente com Emmanuel, foram reconhecidos pela testemunha Wagner dos Santos, sobrevivente do crime.

Segundo o depoimento do soldado, além dele próprio participaram da chacina o ex-PM Maurício da Conceição, o "Saco-Feira 13", já morto e que seria o líder, e o ex-PM Nelson dos Santos Cunha,

que se entregou à polícia no dia 24 e o soldado Marco Aurélio Alcântara, preso há duas semanas.

Para o advogado Fernando Fragozo, o silêncio do acusado, a confissão de Emmanuel faz parte de tática para atenuar sua culpa.

A acusação de julgamento corresponde às 11 vítimas. Os defensores de três dos acusados cobrem em prática a tática de fazer os julgamentos em separado, recusando o nome do primeiro indiciado para o júri.

Emmanuel ficou sozinho para ser julgado ontem. Após confessar o crime, ele disse que fazia aquilo porque estava vendo que inocentes poderiam ser condenados.

"Gostaria de pedir perdão a todo mundo. Apesar de querer ser perdoado, cheguei à conclusão que tenho de assumir esse castigo."

No depoimento, o soldado disse que "pouco depois da meia-noite e meia" do dia 23, encontrou Maurício Conceição e Alcântara, perto do seu caso, e conversaram sobre um incidente da tarde anterior.

O incidente foi apedrejamento, por motivos, na área da Candelária, do carro usado por Emmanuel, após ele ter dado um reparo chamado Nelton.

Incluídos por Conceição a dar "uma surra" nos meninos, os três tinham ido à casa do soldado Nelson Oliveira dos Santos Cunha, em um Chacote amarelo. De lá os quatro seriam rumados à Candelária, com cassetetes enfiadas.

Na proximidade, tinham visto

três rapazes se levantarem e correrem para cima rua lateral. Eles retornaram logo capturados e colocados no carro, mesmo sem o crime de que estivessem no apedrejamento.

Pouco depois, um homem, que caminha com Cunha, teria disparado acidentalmente e atingido Wagner dos Santos.

Pensando que ele estivesse morto, Conceição teria rumado ao MAM, onde todos teriam sido do crime e lutado nos rapazes.

Os quatro seriam então rumados à Candelária, onde Emmanuel disse ter ficado no carro e só ter corrido os dois espaços feitos pelos demais.

→ LUTA MAIS páginas 2 e 3

Seu recado instantâneo

Até 178,00

A partir de 178,00

PRESTEL

Ligue 253-8585

Qualidade (M) atendimento

Delivered by the World's Largest Advertising

Caso Candelária terá um só júri

O juiz José Geraldo Antonio, do II Tribunal do Júri, informou ontem que não recebeu pedido dos advogados de defesa ou do Ministério Público para que o julgamento dos acusados da chacina da Candelária fosse desmembrado. Quando há desmembramento, senta um acusado de cada vez no banco dos réus. Mas o juiz reafirmou que os quatro acusados vão a julgamento. "Pode acontecer algum incidente, mas a pauta do tribunal estabelece o julgamento de quatro acusados", afirmou o juiz.

Embora a proposta de desmembramento não seja defendida claramente pelos advogados, nos bastidores do Fórum comenta-se que a medida teria sido um compromisso assumido pela ex-titular do II Tribunal do Júri, juíza Maria Lúcia Capiberibe (já falecida), com os advogados e o Ministério Público. O soldado Marcus Vinícius Emmanuel seria o primeiro a sentar no banco dos réus, nesta segunda-feira, e os demais (tenente Marcelo Cortes Ferreira, soldado Claudio Luis Andrade dos Santos e o serralheiro Jurandir Gomes da França) só seriam julgados nos próximos meses.

Sortear — Os promotores José Muñoz Piñero e Maurício Assayag, do II Tribunal do Júri, disseram que o desmembramento pode ocorrer quando o juiz sor-

tear, no dia do julgamento, os sete jurados. Se houver impasse entre a defesa e acusação sobre o corpo de jurados (cada parte pode recusar até três), o julgamento pode ser desmembrado.

Ontem, o advogado Fernando Fragozo oficializou no cartório pedido para ser assistente de acusação da promotoria em nome do Centro Brasileiro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CBDDCA). A advogada Cristina Leonardo, dirigente do Centro, não pode ser assistente porque está arrolada como testemunha. Com isso, ficou praticamente afastada a possibilidade dos advogados Evaristo de Moraes Filho e Evandro Lins e Silva se tornarem assistentes do Ministério Público, como havia sugerido o Fórum de ONGs.

Testemunha — A chegada ao Rio de Wagner dos Santos, sobrevivente e principal testemunha da Candelária, está prevista para hoje. O local onde Wagner ficará hospedado está sendo mantido em sigilo. A segurança da testemunha será feita pela Polícia Federal, a pedido do Ministério da Justiça.

O Tribunal de Justiça do Rio não tem espaço para acomodar público em casos de grande interesse. Faltando quatro dias para o julgamento, o juiz José Geraldo Anto-

nio e a assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça discutem a melhor forma de a imprensa nacional e de outros países trabalharem na próxima segunda-feira. No plenário só há lugar para 100 pessoas, e o número de jornalistas credenciados chegou a 70. Ontem, ficou decidido que somente 50 jornalistas entrarão no plenário, um por veículo.

Cinegrafistas — Em geral, nos julgamentos comuns, ficam no plenário parentes de vítimas e réus e estagiários de Direito. No julgamento da Candelária, no entanto, somente imprensa e representantes de ONGs são suficientes para lotar os 100 lugares do plenário. Entre jornalistas, só estão liberados de credenciamento os fotógrafos e cinegrafistas. No entanto, só poderão trabalhar no segundo andar do plenário.

Ontem, alguns assessores do Tribunal de Justiça avaliavam a possibilidade de o julgamento ser transferido para o espaço auditório da Escola de Magistratura, mas a proposta não vingou. Há um temor de protestos nos corredores do Fórum, caso jornalistas fiquem de fora do plenário. A cada dia, chegam da Europa, Ásia e América, do Sul pedidos de credenciamento para a cobertura do julgamento do ano.

Apreendida arma da chacina da Candelária

Uma das armas que teria sido usada na chacina da Candelária — em que morreram oito meninos de rua — foi apreendida ontem pela polícia e será encaminhada para exame de balística. A arma, um revólver calibre 38, foi encontrada na casa do ex-soldado da Polícia Militar Nelson Oliveira dos Santos Cunha, 29 anos, que se apresentou à Justiça antecessor e confessou sua participação no crime. Nelson estava foragido há 14 dias, após ter sua prisão preventiva decretada pelo juiz José Geraldo Antonio, do II Tribunal do Juri.

Num depoimento de cinco horas, na madrugada de ontem, revólver ter participado da chacina da Candelária, juntamente com os policiais Marcus Vinícius Borges Emanuel, Maurício Conceição, o Sexta-feira 13 (já morto) e Marco Azeiteiro Dias Alcântara. A quatro dias do julgamento dos assassinos da Candelária, o depoimento de Nelson praticamente inocenta cinco dos oito acusados da chacina.

O revólver foi encontrado dentro da parede do apartamento do ex-PM, no Rio Comprido, local que ele havia apontado em seu depoimento. O vice-presidente regional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Fernando Fraga — advogado de acusação contratado pelos parentes dos mortos — estranhou que Nelson se arrependesse do crime dias antes do julgamento e resolveu contar tudo que sabia à polícia. "Pode ser uma estratégia para livrar os culpados da chacina apontados por Wagner e que irão a julgamento na segunda-feira", disse Fraga, referindo-se a Wagner dos Santos, sobrevivente da chacina e testemunha-chave do caso.

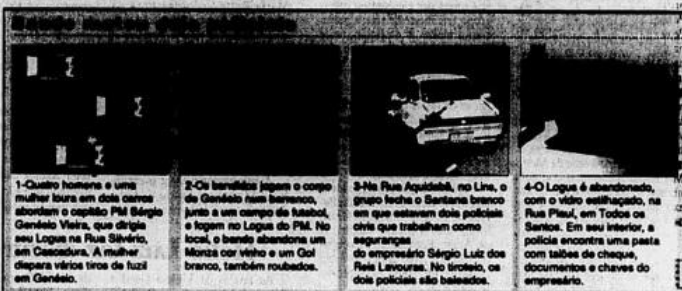
— **Mélio** — Na prática, o tenente Marcelo Cortes Ferreira, o soldado Cláudio Luiz Andrade dos Santos e o serralheiro Jurandir Gomes França — que estiveram no banco dos réus na primeira segunda — são os beneficiados pois não foram citados por Nelson. Os outros beneficiados são o PM Carlos Jorge Laffa Coelho e Nelson dos Santos, o Jaxa. Após o depoimento, no II Tribunal do Juri, Nelson disse aos promotores José M. Inês Pádua e Maurício Assaya que tinha medo de ficar na Politécnica ou no Batalhão de Choque. A pedido

do Ministério Público, está preso no Quartel Central do Corpo de Bombeiros.

Em outros aspectos, o depoimento de Nelson Cunha lida com a descrição que Wagner fez do crime, avalia o promotor Pádua. Foi Nelson quem acertou um tiro "acidentalmente" no quarto de Wagner, quando dava voltas pelo Centro com rapaz preso dentro do Chevette que tinha ainda mais dois meninos. **Sexta-feira 13**, Emanuel e Alcântara. "O carro passou num buraco e a arma que estava apontada para Wagner disparou", contou o policial. Nelson disse ainda que foi induzido a participar da chacina pelos companheiros.

— **Alvo fácil** — Licenciado da corporação, Nelson Cunha declarou que só estava um tempo durante a expedição criminosa na Candelária, quando a criança tentou correr da fuzilaria promovida por **Sexta-feira 13**, Alcântara e Emanuel. Ele chegou a meter a cabeça de outro menor que o olhava petrificado. "Ele estava com os olhos arregalados, estático, um alvo fácil, mas não tive coragem de atirar contra ele", relatou o soldado.

Na véspera da chacina, Nelson contou que teve sua casa arrombada por dois homens, um de 20 e outro de 22 anos. Ele chegou a prender os ladrões que foram levados para a 6ª DP (Cidade Nova). No dia seguinte, Emanuel, seu amigo de infância, o procurou em casa dizendo ter encontrado provavelmente um dos supostos assassinos de sua residência. Emanuel e Nelson desceram entrar no Chevette amarelo onde já estavam **Sexta-feira 13** e Alcântara. Eles rodaram pelo Centro, e na Praça Mauá, prenderam Wagner e mais dois meninos. Emanuel disse para Wagner: "Tá lembrado de mim?", e em seguida deu um tapa no rosto de Wagner. Depois de baleado, Wagner e os meninos foram deixados na Avenida Rio Branco. Os policiais puseram o carro numa das ruas transversais à Avenida Presidente Vargas e foram caminhando a pé até a Candelária, onde mais de 40 menores dormiam enrolados em folhas de papel. Alcântara, **Sexta-feira 13** e Emanuel dispararam, ferindo e matando 8 crianças.



1—Quatro homens e uma mulher louca em dois carros abrem o capitão PM Sérgio Genésio Vieira, que dirige seu Logus na Rua Silvério, em Cascadura. A mulher disparou vários tiros de fuzil em Genésio.

2—Dois bandoleiros jogam o corpo de Genésio para dentro de um campo de futebol, e fogem no Logus do PM. No local, o bandoleiro abandona um Monza cor vinho e um Gol branco, também roubados.

3—Na Rua Aquidabã, no Lins, o grupo fecha o Santana branco em que estavam dois policiais civis que trabalham como seguradoras do empresário Sérgio Luiz dos Reis Lavoura. No tiro, os dois policiais são baleados.

4—O Logus é abandonado, com o vidro estilhaçado, na Rua Piauí, em Todos os Santos. Em seu interior, a polícia encontra uma pasta com talões de cheque, documentos e chaves do empresário.

Empresário escapa de seqüestro

Um policial civil morreu e um ficou ferido, ontem de madrugada, na Rua Aquidabã, no Lins de Vasconcelos, durante a tentativa de seqüestro de Sérgio Luiz dos Reis Lavoura, 35 anos, um dos sócios de Auto Viação Flores e da Viação Acari. O empresário não foi levado porque não estava em seu carro, cercado pelos seqüestradores. Oficialmente, no entanto, a polícia registrou o caso como tentativa de seqüestro. O capitão reformado da PM Sérgio Genésio Vieira, 34 anos, também foi morto, momentos antes, quando os bandoleiros roubaram seu automóvel para usar na ação. O policial civil morto chamava-se Sebastião José de Faria. O ferido — Xavier Fernandes Cordeiro — está internado em estado grave no Hospital Salgado Filho, no Méier.

Os dois fazem a segurança do empresário e foram baleados por quatro homens e uma mulher louca, quando estavam no Santana branco de propriedade da Auto Viação Flores. Pela terceira vez a família

Reis Lavoura, que mora em São João de Meriti, foi alvo dos seqüestradores. Sérgio Luiz é filho de José Reis Lavoura, que há dois anos foi morto por uma quadrilha. Seu tio, Manoel, também foi seqüestrado.

O carro utilizado pelos bandoleiros — um Logus cinza (placa GNA 8762) — foi abandonado na Rua Piauí, em Todos os Santos, com o vidro traseiro estilhaçado. O automóvel havia sido roubado minutos antes, na Rua Silvério, em Cascadura, e seu proprietário, o capitão da PM Sérgio Genésio, morto a tiros de pistola e fuzil AR-15. A polícia acredita que Sérgio foi assassinado por ser policial. A pericia encontrou no local 35 cápsulas de fuzil e de pistola, além de dois carros — um Monza vinho e um Gol branco —, que haviam sido roubados em Maricá e Hermes.

Baleado — No início da manhã de ontem algumas emissoras de rádio veicularam a notícia de que Sérgio Luiz havia sido seqüestrado. Logo depois, parentes e amigos de desafiaram o mal entendido. Eles

disseram que funcionários da Viação Acari viram o bando armado roubando o carro do empresário e pensaram que ele estivesse dentro. "Acharam que Sérgio tinha sido levado e espalharam o boato, mas ele não estava no carro. Falei com Sérgio hoje (ontem) e está tudo bem", garantiu o superintendente da Federação das Empresas de Transporte de Passageiros do Leste Meridional, Urquiza Nóbrega.

Atualmente, há registro de 11 pessoas seqüestradas no estado, segundo a Secretaria de Segurança. Na noite de sexta-feira, foi libertado o estudante Wagner Mauro Mosestin.

— **Batalhão Augusto de Castro Azeiteiro**, seqüestrado em 9 de abril em Itaboraí, foi libertado ontem à tarde por policiais do DAS chefiados pelo delegado Cláudio Nogueira. O cineasta de Botafogo, irmão do dono das Dogartias Nunes, irmão de Renato Maral, Ruyão dos Lagos. Na operação, foram mortos dois seqüestradores.